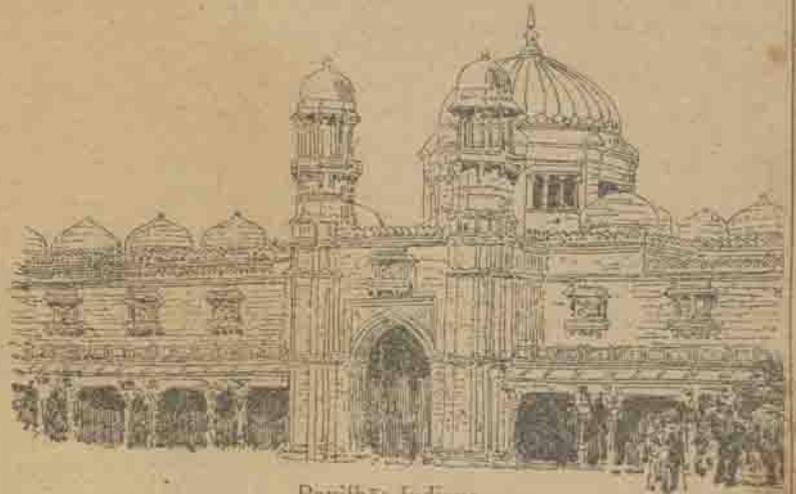


# EXPOSIÇÃO DE PARIS



Pagode de Angkor (Cambodge),  
(Esplanada dos Inválidos)



Pavilhão Indiano  
(Campo de Marte)



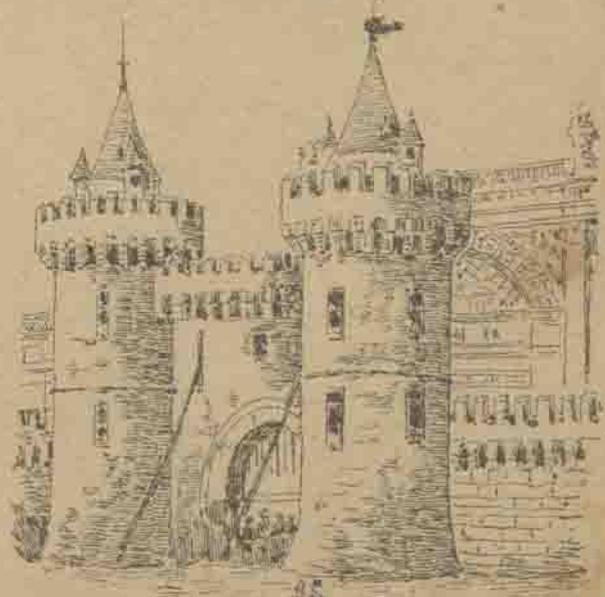
Pavilhão da Tunisia  
(Esplanada dos Inválidos)



Pavilhão da Algeria  
(Esplanada dos Inválidos)



Pavilhão de Venezuela  
(Campo de Marte)



Exposição do Ministério da Guerra  
(Esplanada dos Inválidos)

## Por ahí...



O officio de chronista obrigou-nos a passar a semana com um olho na capital e outro na provincia, tendo a nossa penna de se conservar com um bico em Évora cidade e outro na cidade de Lisboa.

Rei e povo, essas duas entidades tão separadas na posição social, tão unidas na relação social; rei e povo prenderam durante a semana as atten-

ções da Europa, curiosa de saber o que se passava em Évora na vivenda do sr. Barahona, e em Lisboa, na quinta da Torrinha.

×

Ao que se infere dos copiosos noticiarios, em Évora passou-se mais confortavelmente de que em Lisboa, sendo certo que o agasalho prestado a el-rei na vivenda do sr. Barahona foi em qualidade muito superior ao agasalho que recebeu o povo na quinta da Torrinha.

Que, se agasalho se considerar apenas na significação restrita de temperatura callida, então o povo foi consideravelmente mais agasalhado de que o monarcha, visto como apanhou na Torrinha, além do calor do sol, o calor de varias pranchadas de temperatura muito mais elevada de que os fogões do sr. Barahona.

E, entretanto, a recepção feita pela policia ao povo não custou vintem ao passo que a recepção feita pelo sr. Barahona a el-rei importou ao que se diz em mais de cem contos de réis.

Tambem, em compensação, a policia apanhou quando muito algumas pedradas na cara, ao passo que o sr. Barahona não passa naturalmente sem apanhar nos pergaminhos de familia com um titulo de barão.

Barão de Barahona parece-nos bonito.

Bonita e mendonçacosta.



O que motivou a campanha da Torrinha foi como se sabe a prisão do sr. dr. Eduardo Maia, prisão realisa da em virtude de haver aquelle senhor dito no seu discurso que «a corôa estava podre.»

A frase pronunciada pelo sr. dr. Eduardo Maia não prima pela originalidade.

O que s. ex. disse ha tres dias na quinta da Torrinha, referindo-se a corôa, ouvimos nós ha muito tempo dizer na mesma quinta, a respeito d'umas pescadinhas fritas.

— Isso está podre! dizia o freguez das pescadinhas para o tasqueiro que pretendia impingir-lhas pela barriga abaixo.

Com a attenuante porém, para o sr. Eduardo Maia, e a agravante, para o freguez das pescadinhas, que o illustre medico homeopata proferiu a sua frase ao ar livre, que é de todos, até dos passarinhos, ao passo que o homem das pescadinhas praticou a irreverencia de monecabar as mesmas pescadinhas nas barbas do dono da casa mais das pescadinhas, ali, sob o tecto hospitaleiro que lhe dava agasalho e vinho do Samouco, fazendo essa desfeita junto ao sacrario do balcão sobre o qual desfiliam as meias desfeitas de sociedade com os meios litros!

E quer o leitor saber o que succeden a esse malvado que assim cuspiu um labeu immorredouro sobre as estas pescadinhas—que até vinham do rabo na bocca, certamente para não deitarem ainda peor cheiro?

— Pois não lhe aconteceu nada! E não lhe aconteceu nada a despeito d'um policia que se achava presente haver verificado, primeiro com os seus proprios olhos e depois com a sua propria bocca, que as pescadinhas estavam não só de se lhe tirar o chapéu como ainda os demais stavios, deixando-as apenas na espinha!

Agora, perguntaremos: Quando o sr. dr. Eduardo Maia disse que a «corôa estava podre» o sr. commissario de policia consultou sequer a opinião do sr. subdelegado de saude, sobre o estado sanitario da referida corôa?

Está de vêr que não consultou.

Observou ao menos com os seus proprios olhos? cheirou com o seu proprio nariz? provou com a sua propria bocca?

E' sabido que não observou, nem cheirou, nem provou.

Então para que prendeu o homem?

Para fazer mal ao seu semelhante, dando por esta forma um formal indicio de mau caracter...

*João de Deus*

## A BELLA AVÓSINHA



## De raspão...



Quasi todos os jornaes republicanos de Lisboa, deram a semana passada a noticia, de que Abilio David acabava de se despedir da redacção da *Sentinella da Fronteira*. Objectando logo:

«Ignoramos por ora os motivos que levaram o nosso amigo Abilio David, a abandonar definitivamente aquelle jornal.»

Privados de conhecer o illustre homem de letras concitado, não somos todavia dos menos surpresos a perguntar porque deixaria elle a *Sentinella*, onde ao que parece fazia quartos de se lhe tirar o chapéu. Porque deixemo-nos de modestias: Abilio David fez verdadeiramente falta no seu posto.

Sem elle, a *Sentinella da Fronteira* infunde o lastimoso aspecto d'uma guarita abandonada.

Verdade, verdade... se Abilio David deixou a *Sentinella da Fronteira*, Abilio David lá deveria ter as suas razões.

Divergencias politicas...

Locubrações litterarias de relevo maior...

Uma dôr sciatica...

Ó certo é que os motivos que levaram Abilio David a sair da *Sentinella*, teem provavelmente de ficar tão obscuros na historia, como os que fizeram a sair o Camara, do jantar da Trindade.

E não hão-de ser portuguezes os que mais hão-de folgar com esta sahida, não! Calculem o jubilo de Hespanha, sabendo que desertou da *Sentinella da Fronteira*, um tão ousado e destemido fronteiriço! Porque era Abilio quem, pela intemerata bravura dos seus artigos, continha em respeito os perros castelhanos.

Com a sahida d'elle da *Sentinella*, adeus independéncia, juiz Miguel Osorio, e Hymno da Restauração!

E' indispensavel reconduzir Abilio á *Sentinella*. Abilio é a alma lusitana feita heroicidade. E' Gonçalo da Maia em jornalista. E' o forte da Graça, hebdomadario. Sem Abilio, a *Sentinella da Fronteira* não dá tiros... e que desafio vai ser na raia, para o contrabando!



A uma alpendrosada da Ajuda, onde se guardavam carroças e forragens, recolheu-se embriagado, por altas horas da noite, um carroceiro. Noite de frio, que levou o pobre diabo a procurar calenturas e agasalhos na fermentação d'uma estrumeira que ficava sob o alpendre, perto da manjadoura d'um bezerro. Apenas afocinhado no estrume, o carroceiro que eu disse, adormeceu, e em cima d'elle, horas depois, veio o bezerro amosendar-se, a pontos que matou d'asphixia o seu visinho da sobreloja.

Informados pelo regedor da localidade, soccargemos os leitores dizendo que este Bezerro era de carne, e simplesmente d'um acto e dois chavelhos.

Porém, quando uma tão singela alimaria mata um homem, que de cuidados não precisaria o publico da ter, se acaso tem subido á scena aquelle Bezerro em cinco actos—que era de mais a mais de vil metal! Os espectadores que se acatelem portanto, na leitura nova a que se procederá na associação dos cortadores, domingo proximo, sob um ponto de vista absolutamente scientifico e doutrinario. Porque talvez não saibam... o *Bezerro d'Oiro* resolve de vez a tão debatida questão da vacca por classes; acrescentando tambem que elle promette fazer luz sobre uma grande these de cosinha. E' a seguinte. Mette um padeiro no forno, supponhamos, uma perna de bezerro, ladeada das suas respectivas massas e folhados. Qual a razão porque a perna do bezerro vem do forno, assada, e a massa sahiu, cozida?

Todo o quarto acto é uma brilhante dissertação sobre este ponto.



No Marmeleiro, ao pé da Gaurda, havia uma santinha milagreira, já velha, e carunchenta ao extremo de permitir que os gorguihos lhe fizessem na esculptura, tantos syndicatos de farinha de pau, quantos actualmente existem em Portugal, nas mãos d'estrangeiros, para a sucção de todas as energias e riquezas do paiz. Vendo a santinha tornar-se cada vez mais de pau carunchoso, mandou-a o prior brunir a um saeteiro.

E brunida de novo, eis que a santinha volta p'ra capella. Mas o povoletu desanda a gritar que a santinha não era a mesma, e torna o padre responsavel pelo carunchio da imagem, onde elle affiança devera d'estar toda a virtude... por quanto a santinha já não quer fazer milagre nenhum, pretextando para isso o estar pintada de fresco.

Esta santinha que não canta depois que se apanhou servida, é uma caricatura flagrante de certas personalidades nossas, contemporaneas, que vão á politica rebater as suas dedicações partidarias por uma posta.

Só n'este caso, em vez do padre, é sempre o povoletu quem paga as favas.



### Diz o Noticias

«Fundou-se na Suecia uma associação de rapazes da melhor sociedade, que vão pelas ruas apanhar as pontas de cigarros, que enviam a uma commissão presidida pelo ruintu. Esses restos são aproveitados, e com o dinheiro da venda soccorrem 500 creanças por anno.»

Ora eis um nucleo de sport, que o *Turf-Club* nacionalisaria bem melhor que o das corridas. Entre apanhar pontas de cigarro, e pés de burro, nenhum gentleman portuguez deve exitar—que apanhe pontas! As nossas altas classes teem geralmente o sentimento da ponta. *Donc*, que os que as atiram, se harmonisem allin com os que as apanham. Quem apanha pontas de cigarro, pôde por este meio, não só soccorrer o orphão e a viuva, o velho sacerdote e o inundado, senão callaborar tambem no esplendor da religião—sabido como é, que as pontas do cigarro teem entre nós o nome generico de beatas.

# CASOS DA SEMANA

# OS REIS EM EVORA E O POVO NA TORRINHA



—O Sr. Oliveira Mattos marcha p'ra gloria ja por um discurso que lhe valeu d'Arganil a retirada do mandato, ja por um pugilato que lhe valeu da parte de policia o titulo de grande invasor de glubo...



—S. M. el-rei marcha p'ra Evora, a cidade onde tudo o que grande é Fernandes—e onde quem não é Fernandes, foi ou hade ser.



—A policia atira-se aos mestingucitos... Dão ás de Villa Diogo os oradores chronicos d'essa ordem de assembleas.



—Sovam-se no parlamento os pares, por forma a nos recordarem aquella farga da Guerra aos Nimes...



—Sovam-se os deputados, entre palavradas de tal ordem, que o parlamento esta sendo, entre os logares mal frequentados, o rival da Mouraria e d'Entre-Campos.



—E como de costume, é este, que ia só por curiosidade, quem apanha a taluda nos costas...



—Estado em que o tem posto sempre as festas reces, em que se come, e as assembleas politicas, em que se protesta.

W. B. Bordallo Pinheiro

Depois, a vantagem hygienica que iria resultar para a cidade, quando por essas ruas começassem a ser pegadas todas as pontas que por ali andam, disponíveis! Com tal medida, iam cessar muitas enxaquecas chronicas: livrar-se hiam cidadãos, de grande pezo: e d'ahi os pictorescos, os imprevistos!... só o sr. conde de Franco, á sua parte, mettia de cada vez na bocca, duas ou tres duzias de cigarros, pelo prazer de ser apanhado, sob a fórma de vinte e quatro ou trinta e seis obras de caridade, para a escarcella d'outros tagos gentis-homens *glaneiros* da philantropica associação.



A passagem do trem real, caminho d'Evora, o sr. Simões Margiochi, lavrador de Monte das Flores, pensando que de casacas e gran-cruzes estariam SS. MM. fartissimas (visto ser coisa que as enguiça em todas as solemnidades de character official) resolveu fazer aos reis, no apeadeiro da sua propriedade, uma recepção apparatusa, posto que sob um aspecto até agora completamente inexplorado nos cerimoniaes da monarchia. E á passagem pelo apeadeiro das Flores, SS. MM., feridos por uma philharmonica insolita de chocallhos, deitam a cabeça fóra da carruagem, e vêem com pasmio, na *gare* e circumvisinhanças da estação, em vez d'uma guarda de honra militar e d'uma banda de musica... em vez d'um administrador de conselho e de um pessoal burocratico aduado... nada menos do que uma rebanhada enorme de carneiros e bois, porcos e cabras, todos berrando é certo de jubilo por acharem de saude os seus monarchas, porém despidos todos da correcção que convem a pessoas de sociedade, e aliviando-se, nas barbas do comboio real, dos seus remanescentes, solidos e liquidos, com a sem-cerimonia

rustica do povo, que deante dos grandes antepõe sempre ás suas elegancias, as suas necessidades. O sr. lavrador vac-nos consentir dois dedos d'observações ligeiras e respeitosa, sobre o caso.

A manifestação barbi-capri-corni-pedes-felpuda, organizada por s. ex.\* em preito á viagem dos reis, não teve talvez excessivo cabimento, como tributo de veneração, na pessoa d'um rei que tem passado a vida a fazer litteratura. A quem ella especialmente lisongearia, se fosse feita, era a S. A. o presumptivo, que por estas e outras vac sendo chamado nas populações do Alemtejo, o José Maria dos Santos segundo, ou lavrador. A este sim, que já no congresso d'Estremoz mostrou saber d'agricultura, fabricando com as tres palavras, alternadas.

«A agricultura interessa-me bastante...»

um discurso de meia legua, que deixou maravilhados os proprios Leonardo Torres e Culça e Pina.

E outra coisa ainda. E' bom fazer predominar n'um paiz agricola, em qualquer grande manifestação collectiva, o elemento agricola — mas nunca ao ponto de substituir, nas recepções reais, a guarda de honra do 17 por um rebanho de carneiros, a musica militar pelo chocallho, e as deputações d'auctoridades civis e ricos homens, pela vara de porcos. Porque sr. Maginchi! Por mais branco que seja um funcionario progressista, elle é sempre superior como eloquencia—fiquemos n'isto—a um boi. Dizemol-o por puro patriotismo, e mais sentimentos nobres que nos agitam a alma. E V. Ex.\* verá como o sr. jornalista Percheiro, antigo funcionario, ha-de subsidiar com a sua costumada viveza, a nossa aliás modesta affirmativa.

DERAN.



## SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E OFFICIOS

**Estudo d'uma santa, romance, por Affonso Vargas.** E' a narrativa d'um affectuoso, que vê a vida em côr de rosa, e pinta a desgraça, com um sorriso feliz nas guias do bigode. Genero de melancholico, que tem sempre, para situar as coisas naturalmente brutaes da existencia, uma boa palavra consoladora, e que se escreve, nunca faz pathologia de corpos, senão a apothose mais ou menos encantada de espiritos. Tal é o nosso querido Affonso Vargas, o mais encantador de todos os platonicos, e o mais roza de musgo de todos os costistas.

Em verso e prosa, esta illusão feita da *vie en bleu* resumbra d'elle, com um talento muitas vezes fino e impressivo, onde não raro (posto não pareça) é o cerebro quem faz o papel de coração. O *Estudo d'uma Santa* não é talvez tanto uma lição d'anatomia, feita pelo sabio impassivel, n'uma sala d'autopse fria e mortuaria, senão o *Salve Rainha!* d'uma organização de contemplador, demasiado commovida em face do modelo, para que não resse, em vez de dissecar. Em todo o caso, galante, um pouco *esaporece*, a narrativa d'Affonso Vargas prende singularmente á leitura, já pelo estylo que tem frescuras juvenis, cadencias metricas, visões — já pela analyse delicada dos caracteres d'eleição que n'ella figuram.

E' a vantagem d'este affectuoso, que sobraleva a tantos irritados, uma physiolegia artistica produz somno.

V. D.

A *Companhia Nacional Editora* continua, e em largo desenvolvimento, as obras de David Corazzi e de Justino Guedes, os dois colossos da impressão typographica e lytographica do nosso paiz.

Na ultima semana foram distribuidos os seguintes fasciculos:

39.º do *Inferno*, de Dante.

21.º dos *Exilados da terra*, a celebre produção de André Lauric e que tanta nomeada conquistou em França por occasião da sua recente publicação.

25.º do *Album de costumes portuguezes*, essa excellente publicação nacional, illustrada pelo lapis dos nossos mais notaveis desenhadores.

26.º do *Edmundo de Amicis*.

×

JOÃO FERNANDES. — *Cartas ao ar livre*; *A solução da crise*; *Carta a el-rei*.

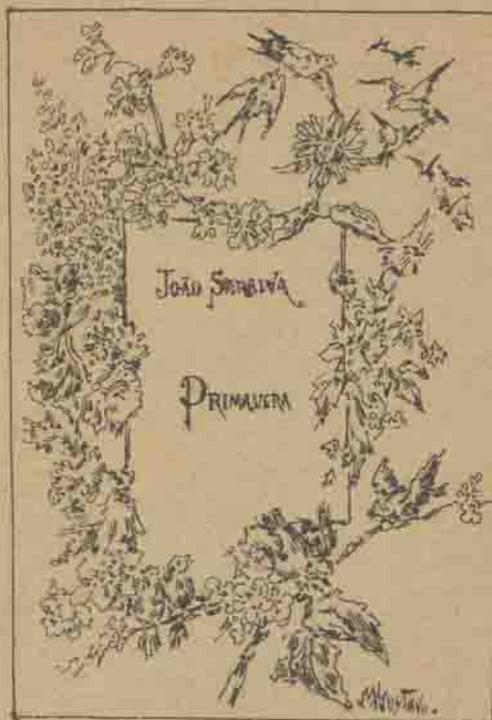
Já attinge o volume d'um baralho, o numero de cartas publicadas em prosa e verso durante a recente epidemia litterario—epistolar que desabou sobre Lisboa.

Depois da *Carta ao Rei*, feita em bellos versos por Sá de Mirandella, e da *Carta ao Rilhas*, escripta tambem em soberbas quintilhas por Bisnau, appareceu uma infinidade de outras cartas, mais ou menos espirituosas ou mais ou menos sensaboronas, fechando o coice d'esse exercito epistolar as cartas publicadas agora por João Fernandes.

Tratam essas cartas de alguns factos politicos que ultimamente mais interessaram a opinião publica e occupam-se em pôr de relevo varios vultos já bastante conhecidos.

O estylo em que são escriptas, incisivo, mordente e gracioso, deixa a descoberto que a casca grossa do modesto João Fernandes que as subscreve occulta o fino recheio de algum Cesar litterario do nosso conhecimento.

Pois havemos de saber quem é o Cesar para lhe pôrmos a calva. Á mostra—na hypothese de que o Cesar nã seja freguez do Oleo do Egypto.



JOÃO SARAIVA — *A primavera*.

Depois de João Fernandes surde-nos João Saraiva. Estamos pois em maré de Joões. Já temos dois para debicar, como o poeta das *Novidades*.

A fecundidade com que João Saraiva está dando á luz os productos da sua inspiração, vae obrigar-nos a abrir-lhe uma secção permanente, genero folhetim, com a feria vitalicia d'um *continuar-se-ha* em cada numero.

O rapaz, além de Saraiva de appellido, sahio-nos tambem saraiva em verso. Se em vez de João se chamasse Alexandrino, tanto podia assignar-se Alexandrino de Saraiva como saraiva de alexandrino.

Perguntam-me se é bom o poemeto *A Primavera*? Respondo-lhes como o vinhateiro a quem perguntaram se era bom o seu vinho: — Bôba, e agradeça-me.

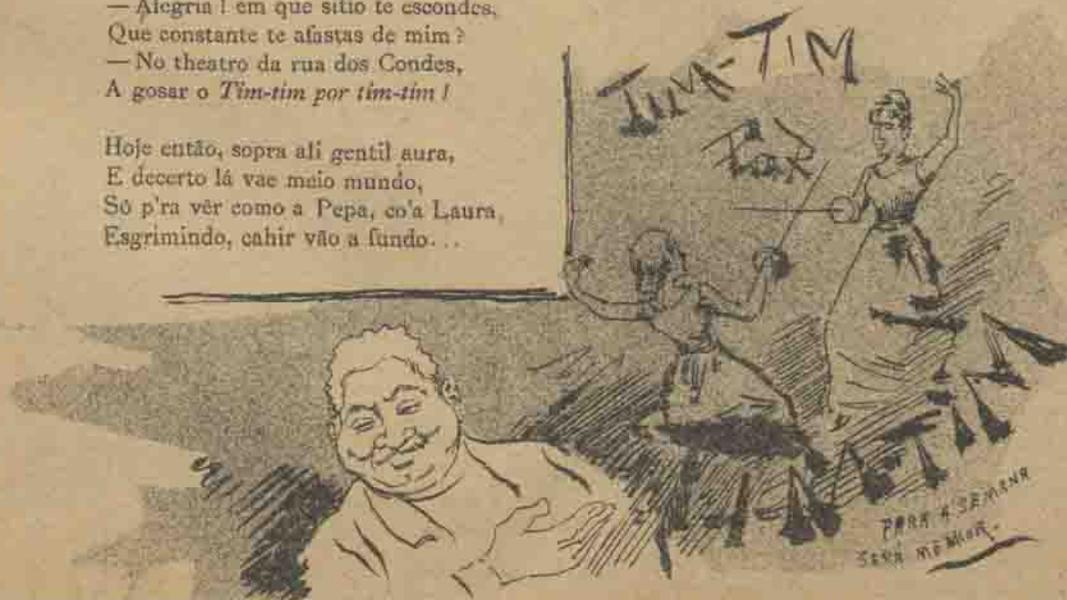
— Leiam, e agradeçam-me.

João Saraiva

## Theatro da Rua dos Condes

— Alegria! em que sitio te escondes,  
Que constante te afastas de mim?  
— No theatro da rua dos Condes,  
A gosar o *Tim-tim* por *tim-tim*!

Hoje então, sopra ali gentil aura,  
E decerto lá vae meio mundo,  
Só p'ra vêr como a Pepa, co'a Laura,  
Esgrimindo, cahir vão a fundo...



### EXPOSIÇÃO DE PARIS

Historia da habitação humana



Casa etrusca



Casa azteque



Epoca da renna



Pavilhão russo

### No comicio



—Oh! Senhores, olhem que eu sou deputado!  
 —Qual deputado nem qual diabo... Deputado é cada um em sua casa com sua mulher e seus filhos.

### RESULTADOS



—Estão ainda o chapim do comicio?  
 —Tenho corrido toda a Lisboa e não encontro chapim que me agrade.  
 —Então que chapim querias tu?  
 —Fardo.

Alf. Bordall...